

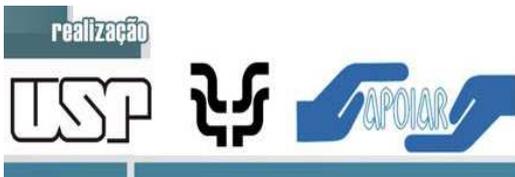


ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE E SOFRIMENTO NA CLÍNICA SOCIAL

ISBN 978-85-86736

LEILA SALOMÃO DE LA PLATA CURY TARDIVO
TÂNIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG
(Organizadoras)

apoio



**LEILA SALOMÃO DE LA PLATA CURY TARDIVO E
TÂNIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG**

**ANAIS DA XI JORNADA APOIAR-
ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE E
SOFRIMENTO NA CLÍNICA SOCIAL**

REALIZAÇÃO

PRÓ REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO

UNIVERSITÁRIA DA USP

INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

**LABORATÓRIO DE SAÚDE MENTAL E PSICOLOGIA
CLÍNICA SOCIAL**

APOIO:

FAPESP

VETOR EDITORA PSICOPEDAGÓGICA

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Jornada APOIAR (11.: 2013: São Paulo)

Anais da XI JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE E SOFRIMENTO NA CLÍNICA SOCIAL realizada em 22 de novembro de 2013 em São Paulo, SP, Brasil / organizado por Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. Tania Maria José Aiello Vaisberg - São Paulo : IP/USP, 2013.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-86736-56-8

1. Psicologia clínica 2. Identidade 3. Adolescência 4. Clínica I.

Título.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-86736-56-8



RC467

**PESQUISANDO SOFRIMENTOS SOCIAIS COM O MÉTODO PSICANALÍTICO:
CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS**

Fabiana Follador e Ambrosio
Rafael Aiello-Fernandes
Tânia Aiello-Vaisberg

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo propor definições conceituais que possam favorecer a realização de investigações empíricas, com método psicanalítico, sobre sofrimentos sociais. Insere-se oportunamente no contexto de uma considerável produção de pesquisas, que autorizam um aprofundamento deste tipo de reflexão. Defendendo um posicionamento teórico-metodológico, baseado nas formulações de Georges Politzer e José Bleger, focaliza e discute duas noções fundamentais, experiência e campo de sentido afetivo-emocional, a partir das quais a psicologia concreta pode trazer sua contribuição específica para o campo das ciências sociais.

Palavras-chave: sofrimentos sociais, experiência, campos de sentido afetivo-emocional, pesquisa qualitativa, método psicanalítico

O sistema neoliberal vigente na atualidade gera, nos países historicamente colonizados, a exclusão social de grandes contingentes populacionais, que sobrevivem em condições marcadas por precariedade laboral e social. Este quadro veio, mais recentemente, bater às portas das clínicas psicológicas institucionais, tanto no âmbito da saúde pública como naquele das clínicas-escola universitárias. Tal demanda se deve, provavelmente, a inúmeras mudanças sociais, que incluem tanto uma evidente piora das condições materiais, como um aumento da informação circulante. É certo que muitos continuam buscando as ajudas tradicionais junto às religiões institucionalizadas, como se

pode bem observar, por exemplo, pelos espaços que ocupam nas programações de rádio e televisão. Contudo, não há como negar que a perspectiva de obtenção de ajuda psicológica profissional está profundamente difundida entre a população brasileira. Assim, defrontamo-nos, como profissionais, com uma série de problemáticas vinculadas a experiências de humilhação, injustiça e desamparo, que podem ser consideradas como sofrimentos sociais (Renault,2008; Carvalho,2008; Carreteiro,2003; Kleinman, Das e Lock,1997).

Temos trilhado um percurso comprometido com o atendimento a camadas da população usualmente excluídas dos benefícios que os avanços do conhecimento psicanalítico pode oferecer. Investigamos, há alguns anos, a eficácia de dispositivos clínicos diferenciados do enquadre padrão proposto por Freud (Aiello-Vaisberg,2004). Vale lembrar que tal modalidade surgiu historicamente como prática psicoterapêutica, visando o atendimento individual de pessoas diagnosticadas como neuróticas, numa perspectiva que considerava o sofrimento psicológico como questão psíquica de caráter “interno” e descolado das condições concretas de vida.

Na tentativa de desenvolver intervenções que pudessem ser mais consonantes com as condições sociais, econômicas e culturais encontradas na realidade brasileira, bem como mais coerentes com a psicologia concreta, voltamo-nos ao desenvolvimento de enquadres clínicos diferenciados, mas fundamentados no uso do método psicanalítico e, uma vez que concordamos com a visão de Bleger acerca da importância da prevenção psicológica (Bleger, 1966), buscamos também fundamentar propostas psicoprofiláticas com o intuito de possibilitar a prevenção do sofrimento emocional. Certamente, a motivação norteadora desta iniciava foi a mesma que nos vem impulsionando a desenvolver trabalhos nos quais temos abordado psicanaliticamente imaginários coletivos sobre grupos sociais vítimas de discriminação e exclusão social, contribuindo, dessa forma, com inclusão social, incrementando a transformação dos imaginários coletivos abordados, a partir de conhecimento psicanaliticamente construído²⁴.

²⁴ Como exemplos desses estudos sobre imaginários, podemos citar: Couto, Tachibana e Aiello-Vaisberg, 2007; Barreto e Aiello-Vaisberg, 2007; Ávila, Tachibana e Aiello-Vaisberg, 2008; Pontes et al, 2008; Russo, Couto e Aiello-Vaisberg, 2009; Martins e Aiello-Vaisberg, 2009;2010; Barcelos, Tachibana e Aiello-Vaisberg, 2010; Fialho et al, 2012; Granato e Aiello-Vaisberg, 2013.

Sendo assim, para permitir o desenrolar de tais estudos, foi criado um espaço de atendimento e pesquisas, na Universidade de São Paulo, conhecido como “Ser e Fazer”: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação, do Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social.

Fundamentalmente, temos sido guiados, em termos epistemológicos e metodológicos, pelas exigências de uma psicologia concreta, tal como foi proposta por Politzer (1928) e aprofundada e discutida, na América Latina, por Bleger (1958;1963). Tais formulações, que dialogam criticamente com o saber psicanalítico clássico, ao mesmo tempo que preservam seu aspecto metodológico, repudiam algumas de suas construções abstratas, especulativas e distanciadas do acontecer humano, guardando inegável vitalidade e atualidade. Foi precisamente esta busca por uma psicologia que estabeleceu, como seu foco, a abordagem das chamadas condutas dramáticas, o que nos motivou aproveitar os estudos metodológicos decisivos de Herrmann (1979), que permitem defender o método psicanalítico como alternativa promissora no campo das pesquisas qualitativas, bem como estabelecer uma próxima e constante interlocução com o pensamento winnicottiano, tanto pelo seu estilo de teorização, como em virtude de seu reconhecimento acerca da primazia do método sobre a doutrina (Winnicott, 1967).

Impulsionados pelo interesse relativo ao fenômeno do racismo, trazido por pesquisadores que passaram a integrar nossos grupos de pesquisa²⁵ mais recentemente, acabamos por incrementar o quadro de autores que nos servem de interlocutores, passando a dialogar com textos sociológicos, antropológicos e filosóficos, com o intuito de nos aproximarmos do pensamento pós-colonial, especialmente nas vertentes desenvolvidas por Fanon (1952;1961) e Maldonado-Torres (2008). Cabe aqui destacar, pelo vivo interesse que desperta, a obra do filósofo político Emmanuel Renault (2004;2008). Este autor focaliza a questão do sofrimento social, transitando com desenvoltura por diferentes contribuições teóricas oriundas de diferentes campos do saber, desde o pensamento pós-colonial até a psicanálise, passando pelo estudo rigoroso de autores como Hegel, Marx, Habermas e Foucault. A riqueza de seu pensamento certamente justifica tomá-lo, neste momento, como um interlocutor respeitável.

²⁵ Referimo-nos aqui ao Grupo de Pesquisa PUC-Campinas/CNPq “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção”.

No vasto panorama das ciências sociais críticas, muitos autores vem demandando a contribuição de pesquisadores da área da psicologia, corretamente considerados como satisfatoriamente preparados para o estudo de experiências de sofrimentos sociais, que trazem, em seu bojo, questões de desigualdade, injustiça, humilhação e desamparo. Trata-se de um tipo específico de trabalho, que se faz pela via de estudos qualitativos rigorosos, de caráter empírico, que evitam, de modo bastante preciso, todo reducionismo explicativo em termos biologizantes—já que tal concepção tenderia ao alinhamento com uma psiquiatrização organicista - ou em termos estritamente psicológicos, no sentido dos enganos identificados pela psicologia concreta como mitos do homem natural, do homem isolado e do homem abstrato (Bleger,1963). Caberia, portanto, à pesquisa psicológica, uma participação específica em um debate amplo que convoca todas as ciências humanas, rompendo até certo ponto com certas fronteiras disciplinares. *Estadémarche* harmoniza-se admiravelmente com o estudo da dramática do viver humano, tal como deve ser desenvolvida quando se tem em mente a observação das exigências crítico-propositivas de Politzer (1928) e Bleger (1958;1963).

Não se pode afirmar que a conceituação dos chamados “sofrimentos sociais” seja absolutamente recente no campo das ciências sociais. Autores como Bourdieu (1993), Desjours (1993;2000) ou Kleinman, Das e Lock (1997), entre outros, apresentaram suas contribuições, já consideradas marcos teóricos nas ciências sociais. Contudo, notamos que as pesquisas neste campo encontram-se em pleno vigor e destacamos a produção de Renault (2004;2008), compreendendo-a como fundamental e valorizando o cultivo de um diálogo persistente com suas colocações. Há também que destacar a importância e vitalidade das contribuições tanto de Fanon (1952; 1961), no campo de estudos sobre o racismo, quanto de Das(2007), na consideração dos sofrimentos das mulheres.

Diante deste quadro, optamos, recentemente, por focar nossas investigações no estudo da experiência de afrodescendentes, de mulheres e de adolescentes em situação de precariedade social. Correspondem a pesquisas de caráter compreensivo, que pretendem tanto trazer subsídios para o aprimoramento das práticas psicológicas —e, em decorrência, trazer benefícios concretos para o viver de tais grupos sociais -, como contribuir para o debate científico e político sobre os sofrimentos sociais. Nossa perspectiva, acorde ao pensamento de Renault (2008), não é a da psicologização do

social, tão sabiamente temida por intelectuais foucaultianos e outros, e sim a da politização do psicológico, que, segundo cremos, definirá de modo acertado as bases de problemas humanos que clamam por transformações profundas das condições concretas da vida social.

PESQUISA QUALITATIVA PSICANALÍTICA

Consideramos fundamental a distinção freudiana entre três diferentes sentidos que o termo psicanálise pode assumir (Laplanche e Pontalis, 1967):

Como método investigativo, que pode servir tanto para produzir conhecimentos psicopatológicos como para compreender fenômenos sociais e culturais,
Como teorias derivadas do uso do método e, finalmente,
Como procedimento de tratamento.

Como bem demonstrou Herrmann (1979), estes três diferentes sentidos implicam o reconhecimento de que o registro metodológico é logicamente anterior aos demais, na medida em que tanto as teorias como os procedimentos clínicos derivam do bom uso do método.

Desde os tempos inaugurais da psicanálise, até os dias de hoje, o método, operacionalizado como procedimento clínico padrão, tem sido usado para atendimento de certos tipos de sofrimentos emocionais. Pensar que o primeiro procedimento clínico, aquele que substituiu o uso da hipnose, corresponde à única forma pela qual o método pode se concretizar corresponde, a nosso ver, a um grave equívoco, para o qual Herrmann (1979)apontou de modo muito preciso. Na verdade, o método tanto origina diferentes procedimentos investigativos e clínicos, voltados a diferentes condições psicopatológicas, como também permite a produção de material a partir do qual diferentes teorias podem ser formuladas.

Em seu conjunto, a obra freudiana é um eloquente argumento que comprova que o método pode ser usado: 1) para forjar procedimentos terapêuticos – sendo que o enquadre clássico já é descrito, desde sempre, como adequado para o tratamento individual de patologias neuróticas; 2) para propor teorias compreensivas sobre as condutas humanas – das mais triviais às mais aparentemente absurdas e bizarras e 3) para investigar e compreender fenômenos sociais e culturais.

Pode-se manter fidelidade ao método enquanto novos procedimentos para uso clínicos e/ou investigativos são criados, o que, evidentemente, poderá se concretizar por meio de propostas testadas na prática, em busca de seu poder heurístico e gerador de benefícios. Na verdade, são inúmeras as modalidades de procedimentos por meio dos quais o método pode ser operacionalizado, no plano concreto.

Temos desenvolvido, a partir das indicações metodológicas de Bleger (1963) e também levando em conta as contribuições de Herrmann (1979), um modo particular de operacionalização do método psicanalítico, que se faz por meio do uso de alguns conceitos fundamentais e da distinção entre três tipos de procedimentos investigativos:

Procedimentos de configuração do encontro com os participantes,

Procedimentos de registro das comunicações e

Procedimentos de interpretações psicanalíticas, vale dizer, da produção compreensiva de campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos, ou seja, de um inconsciente sempre relativo a determinadas manifestações de conduta²⁶ (Aiello-Vaisberg e Machado, 2008).

Nossas pesquisas, até o momento, desenvolvem-se ao redor de dois conceitos fundamentais: *imaginários coletivos* e *campos de sentido afetivo-emocional*. Mais recentemente, um novo conceito passou a ser usado explicitamente – *experiência* -, mas, como veremos, sempre esteve presente na própria definição do que entendemos como “psicologia concreta”, embora de modo implícito.

²⁶ Nesta linha de pensamento, as manifestações dramáticas da conduta, de indivíduos e coletivos, não são consideradas como exteriorização de fenômenos internos, de caráter endopsíquico, mas como emergentes de campos intersubjetivos, vinculares, que se constelam em contextos concretos de caráter social, econômico, geopolítico, cultural e histórico.

Para melhor definir os conceitos com que operamos, devemos retomar nosso ponto de partida, que consiste, precisamente, na adoção de uma perspectiva concreta, tal como preconizada por Politzer (1928) e detalhada por Bleger (1958;1963), como já mencionamos. Tal detalhamento fundamenta-se na consideração de que todas as ciências humanas compartilham um mesmo e único “objeto” de estudo, o ser humano. As manifestações e atos humanos, ocorram como atividade psíquica, como expressões corporais ou como ações sobre o mundo externo, em âmbitos individuais ou coletivos, são objeto de várias diferentes disciplinas, que se diferenciarão, entre si, em função dos aspectos selecionados, tomados em consideração:

Podemos decir que la psicología estudia los seres humanos, pero que indudablemente esto no queda configurado ni delimitado con exactitud su campo de operación, porque muchas otras ciencias se ocupan del hombre y lo enfocan como objeto de estudio (historia, antropología, filosofía, sociología, etcétera). Si, de acuerdo con esto, la psicología tiene un objeto de estudio en común con muchas otras disciplinas, la identidad de cada una de éstas y la respectiva delimitación de las mismas sólo pueden hacerse a través de dos caminos: considerar que cada una de ellas toma una parte del objeto para su estudio, o bien que cada una de ellas enfoca de una manera exclusiva y privativa el mismo fenómeno, enfoque exclusivo que corresponde a un grupo, clase o nivel de cualidades del objeto. Creemos que, en términos generales, el primer criterio ha prevalecido en la historia de la psicología, mientras que el segundo es el que desarrollaremos aquí y que no debe ser confundido con la posición que explica y admite solamente la existencia de ‘puntos de vista’ distintos para el mismo suceso o cualidad. (Bleger, 1963, p.15).

A nosso ver, é fundamental notar que, desde tal perspectiva, a psicologia não se define como estudo da mente, da alma, da psique, nem da consciência, mas sim como *estudo dos seres humanos reais e concretos*, como defende Politzer, da “*vida dramática do homem*”²⁷ (1928, p. 43). Nesse panorama epistemológico, não se poderia

²⁷ Ao propor o termo “drama”, Politzer enfatiza: “Essa vida dramática apresenta todas as características que tornam uma área suscetível de ser estudada cientificamente. Mesmo que não existisse psicologia, é em nome dessa possibilidade que ela deveria ser inventada.” (Politzer, 1928, p. 43).

admitir a existência coisificada da alma, da mente, da psique ou da consciência – o que, diga-se de passagem, é bastante diferente de reconhecer a ocorrência de fenômenos psíquicos, mentais, conscientes ou não-conscientes, pois:

... el atributo no deve ser transformado en sujeto ni en sustancia. (Bleger, 1963, p. 16).

Dessa forma, a psicologia afirmaria sua singularidade perante as demais ciências, exatamente por abordar as manifestações humanas - de indivíduos ou grupos - em termos de seus sentidos ou significados afetivo-emocionais, vale dizer, como eventos dramáticos e vinculares. Nessa perspectiva, um mesmo gesto humano pode ser considerado sob diversos prismas, gerando significados também distintos: culturais, sociais, econômicos, históricos.

A EXPERIÊNCIA E O CAMPO DE SENTIDO AFETIVO-EMOCIONAL

Quando nos dedicamos ao estudo dos atos e manifestações humanas desde o ponto de vista psicológico, focalizamos o acontecer humano a partir de um enquadre dramático de estudo (Bleger, 1963):

Significa realizar el estudio de la conducta en términos de experiencia, de acontecer o de suceso humano. (Bleger, 1963, p. 124).

Assim, recorrendo novamente às contribuições politzerianas, para afirmar que a psicologia deve voltar-se ao estudo da *vida no sentido dramático do termo*, ou seja, do acontecer humano experimentado como fenômeno afetivo e vincular, encontramos necessidade de compreender a ciência operacionalizada *em primeira pessoa*, passando, portanto, a considerar a experiência emocional dos envolvidos:

Ou se renuncia à psicologia ou se abandona o método da terceira pessoa quando se estudam fatos psicológicos. (Poltzer, 1928, p. 64).

Ao trabalharmos alinhados à psicologia concreta, estudamos, precisamente, a *experiência* vivenciada por personalidades individuais ou coletivas. Desse modo, a experiência, compreendida como conduta, emergirá a partir de campos relacionais, podendo, portanto, ser definida como modos de habitar, dramaticamente, mundos ou ambientes “psicológicos” humanamente produzidos – não se tratando de fenômenos “internos” e descolados das condições materiais em que a vida transcorre.

É fundamental destacar que, ao abordarmos a experiência afetivo-emocional, tratamos de uma *dimensão* dos atos e manifestações humanas. Tal dimensão corresponde, exatamente, à faceta do fenômeno humano de cujo estudo se encarrega a psicologia como ciência. Logicamente, as demais ciências humanas ocupar-se-ão de outras dimensões, qualidades, facetas ou características da conduta (Bleger, 1963).

Ao admitir que os campos psicológicos, também denominados campos de sentido afetivo-emocional, são humanamente produzidos, reconhecemos que ganham forma a partir de atos puramente humanos, sejam estes simbólicos, corporais ou atuações diretas na realidade compartilhada (Bleger, 1963). Ou seja, não derivam da interferência de forças impessoais nem sobrenaturais, permanecendo como fenômenos essencialmente humanos.

Cabe, contudo, lembrar que, evidentemente, os atos humanos criam campos psicológicos, ambientes afetivo-emocionais *enquanto* produzem, também, por meio do trabalho, os meios de subsistência e a cultura:

El hombre es el único de los seres vivos que puede pensarse a sí mismo como objeto, utilizar el pensamiento, concebir símbolos universales, crear un lenguaje, prever y planificar su acción, utilizar instrumentos y técnicas que modifica su propia naturaleza. Aun formando parte de la naturaleza, puede en cierta medida ser independiente de ella. Todo esto está en estrecha relación con la posibilidad – distinta de la de todos los animales – de producir sus medios de subsistencia. (Bleger, 1963, p.22).

Percebemos, assim, que a definição de *experiência*, como *dimensão dramática da conduta de seres humanos*, não pode ser enunciada sem que, simultaneamente, estabeleçamos nossa *compreensão* acerca dos campos de sentido afetivo-emocional. Estes campos são produzidos por atos humanos – condutas – e é a partir deles que

novas condutas emergem. Insistimos, então, no fato de que se tratam de conceitos solidários, que não podem ser definidos de modo independente, sendo que sua interdependência deriva do fato de serem, ambos, atos ou frutos de atos humanos.

Ora, o aspecto fundamental da definição blegeriana de conduta reside no reconhecimento de que não existe manifestação humana desprovida de sentido, o que, aliás, corresponde ao pressuposto fundamental a partir do qual o método psicanalítico pode ser concebido. Segundo tal pressuposto, todas as manifestações humanas, mesmo as mais bizarras, cruéis ou aparentemente absurdas, estão dotadas de sentido, na medida em que se relacionam com a vida humana, compreendida como dramática (Politzer,1928). Seu sentido pode não ser compreendido imediatamente, mas isso não significa, de modo algum, que inexista. Vemos aqui a marcada e irreduzível diferença existente entre a psicanálise e a psiquiatria clássica, na medida em que esta última organizou-se a partir da definição do seu objeto de estudo, a loucura, como fenômeno impossível de ser compreendido pelo observador (Bercherie,1980). Neste sentido preciso, o método psicanalítico é um caminho que nega a loucura inventada pela psiquiatria clássica, para aí ver sofrimento e sentido. Diz Bleger(1963):

Hemos de emplear como sinônimos los términos sentido y significado, y os referimos conellos a larelación que tine siempre la conducta con la vida e la personalidad total del sujeto y com una situación dada; pero lo que mejor califica el sentido es el hecho de que toda conducta es un suceso o acontecer humano, y damos el significado de la conducta cuando la referimos en términos de acontecer humano [...] Excluimos terminantemente el supuesto de que una característica del sentido de la conducta sea el hecho de que haya intención de comunicar o significar algo. Sentido no implica intención ni voluntad. (Bleger, 1963, p.98).

Prosegue, ainda, esclarecendo:

Toda conducta tiene sentido cuando la relacionamos con la vida del sujeto en las situaciones concretas en que dicha conducta se manifiesta: un movimiento de los brazos deja de ser solamente un movimiento y pasa a ser suceso humano – conducta molar – cuando conocemos su sentido: rechazo, acercamiento, saludo, etc.. Toda

larelación humana y toda la vida del ser humano son significativas, pero, por ser unhechotan habitual, no distinguimos con suficiente claridade cuándo describimos y cuándo interpretamos, de tal manera que percibimos diretamente el significado de una conducta quando la describimos. Y es que todo lo que el ser humano tiene como experiencia, posee diretamente una organización, um sentido. (Bleger, 1963, p.98).

Notamos que Bleger indica a necessidade de trabalharmos com o conceito de experiência, caso se esteja em consonância com uma psicologia concreta, atendendo às suas exigências epistemológicas.

Uma vez que consideramos o pressuposto de que *toda conducta humana é dotada de sentido*, naturalmente situamos o conceito de experiência em um patamar fundamental. Em se tratando de uma conduta cujo sentido não tenha sido apreendido pelo observador, ou que este a considere absurda, ou ainda que não coincida com as intenções conscientes da pessoa que age²⁸, não se pode ignorar que *o modo como o acontecer humano é percebido, sentido e pensado pela pessoa* – sua experiência – corresponde a um aspecto fenomênico fundamental.

Estudar a experiência emocional humana consiste, pois, em tratar de produzir conhecimento sobre a dramática de vida dos participantes, *a partir de seu próprio ponto de vista*²⁹ (Politzer, 1928).

Ao declararmos alinhamento à psicologia concreta, necessitamos contemplar a realização de suas exigências epistemológicas, para podermos realizar estudos coerentes e rigorosamente embasados. Nesse sentido, compreendemos que o conceito de experiência aparece como ideia central, uma vez que assumimos a psicologia como ciência voltada à produção de conhecimento sobre a experiência emocional (Ambrosio, 2013).

No contexto da pesquisa sobre sofrimentos sociais, este será sempre o nosso ponto de partida, porque somente respeitando a percepção e a experiência dos

²⁸ Vale lembrar que, ao usarmos o termo “pessoa”, estamos nos referindo tanto ao âmbito da expressão individual quanto coletiva.

²⁹ Winnicott (1945) defende a tese de que um importante processo de desenvolvimento antecede a capacidade do bebê existir como pessoa desde seu ponto de vista e, conseqüentemente, poder perceber os demais como pessoa. A seu ver, são as falhas neste processo aquilo que esclarece a psicopatologia da psicose.

envolvidos, poderemos contribuir para tornar possíveis transformações consistentes da realidade social.

Como se vê, tal perspectiva, baseada na contribuição de Politzer³⁰ (1928), presta-se a uma articulação coerente entre registros subjetivos e sociais, no âmbito da produção psicanalítica de conhecimento.

Destaquemos, talvez por excesso de zelo, que ao dizer que, na vida corrente, tudo aquilo que o ser humano vive apresenta-se como captação direta e imediata de sentido – equivocado ou correto, deste ou daquele ponto de vista, isso aqui é absolutamente secundário – exige, se estamos interessados em desenvolver uma psicologia concreta, que possamos manejar com desenvoltura o conceito de experiência.

Finalizamos lembrando que o campo da psicologia concreta resultou da percepção admirada de Politzer (1928) de que, com a *Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900) inaugurava uma nova ciência, justamente porque descobria um caminho de produção de um tipo específico de conhecimento, aquele que unia um ato humano – no caso a produção de experiências oníricas – com a história da vida em primeira pessoa. Nem pura visitação dos deuses, nem mera desorganização neuronal, viu os sonhos e sua narrativa como expressão da dramática do viver. A ciência que aí surgia trataria de assuntos humanos em termos humanos, firmando-se como campo de saber que pode auxiliar indivíduos e coletivos a se relacionarem afetivo-emocionalmente melhor com os demais e consigo mesmos, a partir da materialidade de seus corpos, em um mundo material. Daria, pois, origem, a conhecimentos que se completam com outros saberes, provenientes de outras ciências humanas, da filosofia, da arte e do viver cotidiano. Afirma-se, deste modo, a psicologia concreta como uma entre outras vias por meio das quais se pode caminhar em busca de uma vida melhor.

REFERÊNCIAS

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. (2008) Pesquisa Psicanalítica de Imaginários Coletivos à Luz da Teoria dos Campos. In: Monzani, J.; Monzani, L.R.. (orgs.) *Olhar: Fabio Herrmann - uma viagem psicanalítica*. São Carlos: Ed. Pedro e Joao Ediores/CECH - UFSCar, 2008, p. 311-324.

³⁰ Segundo Renault (2008), o pensamento crítico de Politzer merece ser reconhecido como aporte pioneiro e fundamental na constituição do campo de estudos do sofrimento social.

- AMBROSIO, F. F. (2013). O estilo clínico 'Ser e Fazer' na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias. *Tese (Doutorado em Psicologia)*. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2013. 114p.
- ÁVILA, C.F.; TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2008). Qual é o lugar do aluno com deficiência?. *Paidéia*, 18 (39), 155-164.
- BARCELOS, T.F.; TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2010). A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia Teoria e Prática* 12 (1), 85-96.
- BARRETO, M.A.M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. O tornar-se adulto no imaginário coletivo de adolescentes interioranos. *Psicologia em Revista* 16 (2), 310-329, 2007.
- BERCHERIE, P. Histoire et structure du savoir psychiatrique. Brussels, Navarin, 1980
- BLEGER, J. (1958) *Psicoanálisis y materialismo dialéctico*. Buenos Aires, Nueva Vision, 1988.
- BLEGER, J. (1963) *Psicología de la conducta*. Buenos Aires, Paidós, 1977.
- BLEGER, J. (1966) *Psicohigiene y Psicología Institucional*. Buenos Aires, Paidós, 1966. (1ª ed.).
- BOURDIEU, P. La Misere du Monde. Paris, Seuil, 1993.
- CABREIRA, J.C.; PONTES, M.L.S.; TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. O imaginário coletivo de adolescentes sobre a adolescência no mundo atual. Trabalho apresentado na *Jornada de Psicanálise e Fenomenologia*, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Recuperado em 26/04/2013 <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2012/10/Texto-I-Jornada-Psicanalise-e-Fenomenologia.pdf>.
- COUTO, T.H.A.M., TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. A Mãe, o Filho e a Síndrome de Down. *Paidéia*, 17(37), 265-272, 2007.
-

- DAS, V. *Life and words - violence and the descent into the ordinary*. Los Angeles, University of California Press, 2007.
- DESJOURS, C. *Souffrance en France. La banalisation de l'injustice sociale*. Paris, Seuil, 2000.
- DESJOURS, C. *Psychopathologie du travail*. Paris, E.S.F. Editeur, 1993.
- FANON, F. (1952) *Peau noire, masques blancs*. Paris, Du Seuil, 1971.
- FANON, F. (1961) *Les damnés de la terre*. Paris, La Découverte, 2002.
- FREUD, F. (1900) *La interpretación de los sueños*. Obras Completas. Trad. Jose Luis López Ballesteros y de Torres. Madrid, Biblioteca Nueva, 1948.
- FIALHO, A. A.; FERNANDES, R.A.; MONTEZI, A. V.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2012). O imaginário coletivo de estudantes sobre a África: um estudo preliminar. In *Proceedings of the 1st. Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros Anais do Primeiro Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros*, 2012, São Paulo (SP) [online]. 2012 [cited 28 April 2013]. Available from:
<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000132012000100002&lng=en&nrm=iso>.
- GRANATO, T.M.M.; AIELLO-VAISBERG T.M.J. Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicologia Clínica*, 25 (1), 17-36, 2013.
- HERRMANN, F. (1979) *O Método da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- KLEINMAN, A. DAAS, V; LOCK, M. *Social suffering*. Los Angeles. University of California Press, 1997.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. (1967). *Vocabulário de Psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

- MALDONADO-TORRES, N. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. *Revista Critica de Ciências Sociais*, v,80, p.71-114, 2008.
- MARTINS, P.C.R.; VAISBERG, T.M.J.A. (2009). Dificuldadessexuaismasculinas e ImaginárioColetivo de universitários: um estudopsicanalítico. *Barbarói*, 31 (2), 18-35.
- MARTINS, P.C.R.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. “Será que ele é?” Imaginário coletivo sobre homossexualidade. *Perspectiva* (Erexim), v.33, p.43-52, 2010.
- MARTINS, P.C.R.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Dificuldadessexuaismasculinas e imagináriocoletivo de universitários: um estudopsicanalítico. *Barbarói*, v.31, n.2, p.19-35, 2009.
- POLITZER, G. (1928) *Critica de losfundamentos de la psicologia*. México, Martinez Roca, 1972.
- PONTES. M.L.S.; CABREIRA, J.C.; FERREIRA, M.C.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2008). Adoção e exclusãoinsidiosa: o imaginário de professoresobre a criançaadotiva. *PsicologiaemEstudo*, 13(3), 495-502.
- RENAULT, E. (2004) *L’Expérience de l’injustice. Reconnaissance et clinique de l’injustice*. Paris, La Découverte, Kindle, 2013.
- RENAULT, E. *Souffrancesociales. Sociologie, psychologie et politique*. Paris, La Découverte, 2008.
- RUSSO, R.C.T., COUTO, T.H.A.M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Imaginário Coletivo de Estudantes de Educação Física sobre Pessoas com Deficiência. *Psicologia e Sociedade*, 21 (2), 250-255, 2009.